

Sarah Sundin

NAS ASAS DO AMANHÃ

Tradução
Dina Antunes

*Quinta Essência**

Antioch, Califórnia
Quarta-feira, 1 de março de 1944

Helen Carlisle subiu a G Street, tendo o cuidado de manter uma expressão pesarosa. Havia dias em que a representação da dor era mais fácil que noutros, mas era sempre necessária por atenção ao filho.

Apoiou Jay-Jay, o filho de dois anos, mais acima na anca e inspirou a brisa do Delta que soprava fresca vinda da baía de São Francisco em direção ao delta do rio San Joaquin-Sacramento, purificada pela chuva e perfumada pela erva nova que crescia nas colinas.

Abriu a porta da Della's Dress Shop com um empurrão da anca e pousou a agenda na mesinha junto à porta.

Jim Carlisle sorria-lhe de uma fotografia emoldurada sobre a mesa – alto, esguio e atraente no seu uniforme azul da Marinha. O herói da cidade. Envergaria aquela farda quando o torpedo japonês atingira o seu contratorpedeiro ao largo de Guadalcanal?

Encostou os dedos aos lábios e depois ao vidro frio e ao rosto gelado de Jim. Todavia, ao esquadrinhar a loja não viu sinais dos sogros. Ouviu passos oriundos da sala das traseiras e a cortina abriu-se com um silvo, por isso Helen repetiu a sua

atuação, depositando outro beijo na fotografia e elevando-a à altura do filho.

– Dá um beijinho ao papá.

Jay-Jay encostou a palma da mão à boca, produzindo um som de esmagamento, e passou o beijo a um pai de que não se lembrava.

Um som de esmagamento? As bochechas de Jay-Jay estavam mais redondas que o habitual.

– Querido, o que tens na boca?

O miúdo abanou os caracóis loiros, mantendo a boca fechada.

– Deixa a mamã ver. – Helen ajoelhou-se, segurou o rapaz no colo e abriu-lhe a boca à força. Ele gritou e agitou os braços.

– Vá lá, querido.

Foi invadida por uma náusea. Havia pedaços de casca cinzenta e pegajosa na boca do filho. Colocara-o no chão por um minuto, apenas um minuto, enquanto pendurava um poster motivacional na janela da filial da Cruz Vermelha que dava conta dos progressos da campanha de recolha de fundos para o esforço de guerra.

– O que estás a fazer ao meu neto? – A voz de Della Carlisle parecia flutuar.

– Ele... ele tem um caracol na boca. – Helen tirou um lenço do bolso do vestido e arrancou os pedaços de casca, evitando os dentes brancos e afiados do filho.

– Um caracol? Valha-me Deus. A tua mãe não te deu almoço?

– Claro que dei. Uma sanduíche de pasta de presunto, uma maçã e um copo de leite.

Jay-Jay escapou-se do colo da mãe.

– Avó!

Mrs. Carlisle pegou-lhe ao colo.

– Vamos ver se a avó tem alguma coisa que os meninos gostem de comer.

Helen franziu o sobrolho e ergueu-se. Mrs. Carlisle parecia estar presente sempre que ela cometia um erro. Enrolou o lenço. Lavá-lo-ia depois do seu turno.

– Vejam só se não é o meu neto. – James Carlisle apareceu vindo do armazém com a mesma maneira de andar imponente do seu filho. Num gesto fluido, roubou Jay-Jay dos braços de Mrs. Carlisle e colocou-o às suas cavalitas. – Ora, isso só o vai fortalecer e fazer dele um homem.

Mrs. Carlisle regressou ao armazém.

Jay-Jay gritava enquanto o avô galopava e relinchava em redor de um expositor com vestidos.

Helen sorriu ao ver o carinho entre o homem e o seu homónimo.

– Mistress Carlisle já pode ir para casa almoçar. Eu fico aqui até à uma.

– Até às três.

As agendas junto à porta proclamavam os seus belos planos.

– Só posso ficar uma hora. Tenho de organizar o chá de primavera com Mistress Novak, depositar os fundos da Cruz Vermelha, levar os padrões da malha para que a Dorothy possa tricotar meias para os soldados, tenho a reunião da Cruz Vermelha Júnior às três e trinta...

Ele deixou escapar uma gargalhada.

– E eu tenho de ir cobrar a renda aos meus locatários e assistir à reunião do conselho de administração do banco. Três horas. A família está primeiro. – Soltou um resfolgo, virou costas e saiu.

Como podia ela reclamar? O sogro era o dono da casa onde habitava sem pagar renda em troca de umas quantas horas na loja todas as semanas. Para além disso, tinha um guarda-roupa bonito a preço de saldo. Abriu a caixa registadora e reorganizou o horário mentalmente. Podia encontrar-se com Dorothy e com Mrs. Novak mais para o fim do dia. Os planos para o chá não podiam esperar.

Os caracóis de Jay-Jay saltitavam enquanto o avô galopava pela loja tal como faziam quando dançava com Helen. Naquela noite, ela e Jay-Jay não teriam tempo para danças, nem para ler histórias, nem para se aninharem enquanto rezavam as orações antes de dormir.

Suspirou. Porque lhe eram tiradas todas as coisas boas da vida?

– Mamã, olha. – As gargalhadas de Jay-Jay misturaram-se com a sineta da porta.

– Pareceu-me ter-te visto entrar, Helen. – Victor Llewellyn aproximou-se do balcão num passo curto e rápido.

– Olá, Vic. Ouvei dizer que estavas na cidade. – Estendeu as mãos por cima do balcão. Ele alcançou-as, inclinou-se para a frente e beijou-a no rosto.

– Como está a minha futura mulher?

– Não faço ideia. Não a conheço. – *Oh, Deus. Porque tinha ele de começar com aquilo de novo?* Não estava nada interessada numa repetição do comportamento impertinente que sempre demonstrara na escola secundária. – Disseram-me que a Marinha te enviou para Port Chicago.

– O gabinete do promotor de justiça transformou-me em oficial de ligação. Não é um grande cargo, mas é um começo.

– Armazenam e carregam munições, não é?

– Sim. A minha função é aliviar as tensões. Os homens são todos negros e os oficiais são brancos. Já recebi muitas queixas justificáveis: poucas folgas, más condições de trabalho, colocações indevidas. Têm um licenciado a carregar munições. Se fosse branco, seria oficial. É a nossa marinha.

Helen sorriu para Vic, cujo cabelo e olhos eram do mesmo tom castanho do iodo.

– Mas só te digo, é um trabalho entediante. – Cruzou os braços sobre o balcão e piscou o olho. – Dava-me jeito um assassinio para animar as coisas.

Ela riu. A universidade de Direito e a Marinha haviam-lhe dado mais confiança.

– Ou uma secretária – acrescentou.

– Desculpa?

– Estou autorizado a contratar um civil. Estás interessada?

– Oh, sim. Só estou envolvida com a Cruz Vermelha, com o Clube das Mulheres, com o Círculo das Senhoras, com a Cruz Vermelha Júnior e com a minha casa. Sobra-me imenso tempo.

– É pena. – A sua expressão tornou-se mais séria. – Mister Carlisle disse-te que tivemos uma conversa?

– Uma conversa? – Helen procurou o cabelo grisalho do sogro por cima dos expositores da roupa.

Mr. Carlisle aproximou-se sem o neto.

– Perguntaste-lhe?

– Ainda não. – A boca de Vic contorceu-se. – Não lhe disse?

– Pensei que tu...

Helen irritou-se.

– Dizer-me o quê? Perguntar-me o quê?

Os homens olharam para ela e depois um para o outro. Vic fez um aceno de cabeça a Mr. Carlisle.

– Devia dizer-lhe primeiro.

Mr. Carlisle olhou para Helen do cimo do seu esguio nariz, projetando o maxilar para a frente.

– Sim. Pelo bem do Jay-Jay, está na hora de pensares no teu futuro. Claro que nunca deixarás de chorar a morte de Jim...

– Helen ouviu a sua deixa, baixou a cabeça, examinou as moedas da caixa registadora e deixou que os seus olhos se enchessem de lágrimas.

– Claro que não – continuou com uma voz enrouquecida e firme. – Mas já passou mais de um ano. Tens de pensar no miúdo. Ele precisa de uma presença masculina em casa. Está na altura de voltares a namorar.

Helen dardejou o sogro com o olhar. O que o levava a pensar que uma mulher de vinte e dois anos precisava de autorização? Depois teve uma sensação estranha, talvez a mesma experimentada pelos refugiados da Europa de Hitler: rejubilantes com a liberdade e ao mesmo tempo amedrontados com um mundo desconhecido.

– Desculpa, Helen. – A testa de Vic exibia um *V* a condizer com o seu nome. – Queria dar-te tempo para pensares sobre este assunto.

– Não faz mal. – De todas as coisas estúpidas que podia dizer, tinha de escolher logo aquela. Sim, precisava de tempo.

– E que tal sexta-feira à noite?

Helen precipitou-se para o cabide dos novos vestidos de primavera. O seu pé esquerdo vacilou, o mais fraco, atingido pela poliomielite, e recorreu ao treino de balé para o fazer comportar-se como devia ser.

– Não... não posso, Vic. Não posso.

Ele assentiu com se entendesse ao mesmo tempo que chupava os lábios por entre os dentes, amuando, como tinha feito quando ela começara a namorar com Jim.

Mrs. Carlisle apareceu na loja vinda do armazém.

– Helen, olha o que eu encontrei no outro... oh! Tenente Llewellyn, que surpresa agradável.

– Obrigado, Mistress Carlisle. Vim visitar a Helen.

– Devia mandar aquela amostra de tecido à tua mãe. Podes levar-lha, não podes? Oh, meu Deus. – O seu olhar oscilou entre o armazém e o objeto que trazia nas mãos. – Oh, meu Deus.

– Eu posso esperar. – Vic endireitou o casaco azul da farda. – O que trazia para a Helen?

– É para o livro do papá do Jay-Jay. – Afagou o objeto que trazia na mão. – Limpei o quarto do Jimmy ontem e encontrei isto no fundo da gaveta da secretária. Sabes como o Jimmy era impulsivo. Esqueceu-se dele, nunca me pediu para lho coser no uniforme.

– Sim? – Helen fez titubear a voz para igualar a da sogra. Mrs. Carlisle levantou o queixo e entregou-lhe o objeto.

– A insígnia de escuteiro. A de competência como campista.

No quadrado de tecido via-se a tenda branca contra o fundo amarelo. Os dedos de Helen enrolaram-se em torno da cicatriz macia que lhe decorava a palma da mão direita e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Era um escuteiro tão dedicado, sempre tão ativo, sempre... sempre... Tens uma fotografia do Jimmy com o uniforme de escuteiro, não tens, no livro de recortes?

Helen acenou afirmativamente com a cabeça. Por que razão as lágrimas não mitigavam aquela dor ardente? Trabalhar... precisava de trabalhar, a única cura para a fraqueza, a única cura para a dor.

– Tenho... tenho de...

– Vou indo – disse Vic. – Port Chicago está fechado. Até breve.

Com a visão enevoada, Helen contemplou o seu rosto resignado. Poderia um novo romance ajudar? Gostava de descobrir, mas não com Vic.

– Até outro dia.



Base Aérea de Pyote Pyote, Texas

O tenente Raymond Novak olhou pela janela do lado direito do *cockpit* do *B-17 Fortaleza Voadora* para a lustrosa asa de alumínio que cortava o ar.

– O motor três está a arder.

– O quê? – No lugar do piloto, o tenente Flynn inclinou-se para a frente para olhar em volta de Ray. – A arder? Não vejo nada.

– É um voo de treino.

Flynn deixou cair a cabeça para trás.

– Ora, eu passei nesta matéria. Este é um voo de bombardeamento em altitude. Descolar, lançar o «pickle azul», ir para casa.

A bomba de treino pintada de azul tinha espalhado quarenta e cinco quilogramas de areia e fumo no deserto, quatrocentos e cinquenta metros mais a baixo, mas o trabalho de Ray não estava terminado. Sorriu para o seu formando.

– Esperavas um passeio no parque, era? Sem *flak*, sem caças, sem problemas?

Flynn pestanejou.

– Estamos no Texas.

– Pois estamos, e o motor três está em chamas.

Flynn proferiu um chorrilho de imprecações para a máscara de oxigénio.

– Eu sei lidar com um incêndio.

– Ótimo. Então não terás quaisquer problemas – declarou num tom duro. – Em breve entrarás em combate. A minha função é preparar-te.

O rugido dos quatro motores do *Fort* não encobriria o murmúrio de Flynn:

– Um cego a guiar outro cego.

As mãos enluvadas de Ray apertaram-se em torno da alavanca de comando. Um cobarde. Era o que Flynn pensava dele, o que toda a gente pensava.

Deveria ter assumido o cargo de capelão como desejava. As asas prateadas de piloto já não transmitiam o mesmo prestígio sem as condecorações obtidas em combate. Durante quatro anos, Ray adiará o sonho de ser pastor. Envergara o uniforme da Força Aérea do Exército, treinara centenas de pilotos e vira

outros instrutores morrer de forma violenta. Mas era um covarde porque não combatia. Tretas.

Ainda assim, que tipo de homem treinava pessoas para enfrentar situações que ele próprio nunca enfrentara? Quantos homens treinara ele para matar, para morrer?

Ray expirou profundamente. Por cada homem em combate, dezenas de outros labutavam na retaguarda. Seriam os seus trabalhos menos importantes? Seriam todos eles covardes? Não, e ele também não o era.

Abanou a cabeça para se ver livre daquela sensação de insignificância, mas em vão. Esta persistia. Persistia sempre.

– O motor três está em chamas, Flynn. Vais perder a asa. O que tens de fazer?



– À vontade, tenente Novak.

– Sim, senhor. – Ray sentou-se frente à secretária do seu comandante, o coronel Beckett.

O comandante puxou o casaco da farda para baixo, fechando temporariamente o espaço entre os botões de latão. Pigarreou e mexeu nuns papéis.

Ray abriu o fecho do seu blusão de aviador e observou o oficial, o cabelo escuro rarefeito, o maxilar inferior pendido, a expressão ilegível. Porque o havia mandado chamar? Talvez quisesse saber a sua opinião sobre o tenente Flynn. Os outros instrutores haviam perdido a paciência com ele.

O coronel Beckett esboçou um sorriso, boca e olhos escancarados.

– Tenho boas notícias para si.

Boas notícias? Não com aquela cara. O Dr. Jamison tinha aquela mesma expressão quando lhe comunicara que não ia terminar educação física – porque tinha a perna partida. A Dolores Eaton exibira aquela mesma cara quando dissera a Ray que não

teria de suportar os seus gostos dispendiosos – porque ia devolver-lhe o anel.

Ray deixou escorregar as mãos até às coxas para agarrar os joelhos.

– Novidades?

– Sabe como vão as coisas no Comando de Treino ultimamente. Já é instrutor há muito tempo, não é?

– Sim, senhor. Há mais de quatro anos.

– Quatro anos. Quatro anos. – O coronel Beckett folheou uns quantos papéis com os seus dedos grossos. – Sim, treino avançado na Base Kelly, treino de transição para *B-17*, agora aqui na Unidade de Treino de Substitutos. Já deve estar mais do que ansioso por sair deste cargo como instrutor.

Sair? Até a guerra terminar, a única maneira de sair dali era por comportamento desonroso, inaptidão ou morte. Por muito que odiasse a vida militar, Ray preferia ficar até ao fim.

O coronel bateu com os papéis na secretária para ordenar a pilha.

– Há milhares de pilotos a regressar das suas missões de combate. Queremos usar a sua valiosa experiência.

– Sim, senhor. Alguns dão excelentes instrutores. – E outros não.

– Ainda bem que concorda. – O sorriso falso estava de volta. – Entende que o Comando de Treino exija agora que todo os instrutores de voo tenham experiência de combate.

Ray apertou as calças da farda por cima dos joelhos.

– Todos?

– É da Califórnia. De Antioch... tive de ir procurar no mapa onde ficava. Arranjei-lhe um cargo muito bem pago no Depósito Aéreo Logístico de Sacramento. Convenci o seu novo comandante a dar-lhe licenças todos os fins de semana. O que me diz? Refeições caseiras, piscar o olho à vizinha do lado?

A vizinha do lado tinha nove anos.

– O que... no depósito logístico?

– Oficial de logística. Não há melhor do que isso. Acabam-se os voos perigosos, deixa de aturar...

– Deixava de voar? Mas eu adoro voar. Adoro ensinar. Não sei nada de logística.

– Irá receber treino. Treino completo. E será bem pago.

– Logística? – Um armazém de caixas e grades, formulários para preencher em triplicado, uma montanha de papelada... nada podia ser pior.

Beckett arrumou os papéis de Ray numa pasta.

– Sejamos realistas. Só pode regressar ao Comando de Treino se fizer uma comissão de combate. E tem... quantos... trinta e um anos? Não quer ir combater.

– Não, senhor – disse Ray por entre dentes cerrados. Na verdade, o combate seria bem pior do que um armazém.

– O Comando de Treino transformou-se numa recompensa para os heróis. Não podemos ser todos heróis.

– Não, senhor. – Ray tentou proteger-se daquela ferroadada. Era o único irmão Novak que não encaixava na categoria de herói. O seu irmão mais novo, Jack, pilotara um *B-17* em Pearl Harbor durante o ataque e fazia agora parte da Oitava Força Aérea, colocada em Inglaterra. O seu outro irmão mais novo, Walt, perdera um braço num combate aéreo sobre a Alemanha. E Ray? Bem, Ray escondia-se num cargo de instrutor. Não, na logística.

O coronel Beckett colocou a pasta de Ray ao canto da secretária, o seu destino resolvido.

Ray levantou-se, rodou nos calcanhares e dirigiu-se para o exterior. Retirou o seu pequeno livro de apontamentos, de capa preta, do bolso da camisa e escreveu: «Nunca sorrir ao dar más notícias.» Quiçá pudesse utilizar aquela história qualquer dia num sermão.

Levantou a cabeça para o céu de onde tinha sido expulso, e sem para-quadras. Lá no alto, as nuvens desenhavam traços no azul vivo.

– Senhor, ajuda-me a ver o lado positivo desta situação.
– Precisava de ver o lado bom de tudo aquilo, mas, naquele momento, parecia-lhe tudo negro.